

# **Trabalho informal em Diamantina: estudo de caso dos miçangueiros**

Desiane Aparecida Pereira – Licenciada em Geografia (UFVJM)

Aline Weber Sulzbacher – Professora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH – UFVJM).

## **Resumo**

Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar o perfil dos miçangueiros que atuam no espaço urbano do município de Diamantina (MG). Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com a realização de entrevistas. Pode-se apontar que o comércio de rua apresenta relativa vitalidade e diversidade de produtos, que envolvem desde artesanatos, produtos processados ou in natura como legumes e frutas. Este caso, em específico, é conhecido popularmente como *miçangueiro* e trata-se de um profissional que geralmente têm laços com o meio rural, usando da venda direta de produtos agrícolas como estratégia de reprodução social – como forma de garantia de trabalho e renda.

**Palavras chaves:** venda direta, produtos agrícolas, espaço urbano

## Introdução

O município de Diamantina – MG localiza-se na chamada borda da Serra do Espinhaço, na região do Jequitinhonha, dividindo as bacias do rio São Francisco e do rio Jequitinhonha. Possuindo uma área de aproximadamente 3.891,659 km<sup>2</sup> e uma população de 45.880 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Seu clima é o tropical de altitude com temperatura média anual de 19°C e um período de chuvas que vai de novembro a janeiro. Atualmente a economia de Diamantina baseia-se na agropecuária, na mineração, no comércio, na prestação de serviços e no turismo.

A atividade turística se intensificou com o declínio da mineração, mas passou a ganhar destaque a partir de 1999 com o reconhecimento da cidade como Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade pela UNESCO. Atualmente o município é o principal destino do Circuito dos Diamantes e oferece atrativos históricos, culturais e naturais.

O setor comércio entre 1997 e 2005 teve seu estoque de empregos elevado em 39% e o setor serviço cresceu o equivalente a 24%, ou seja, crescimento superior em relação ao estoque total. Conforme o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) a partir do ano 2000, o crescimento do estoque de empregos cresceu 21% (Comércio) e 18% (Serviços) até o ano 2005. Os dois setores juntos respondem por 75% do estoque total de empregos em 2005 de acordo com o Perfil do Estabelecimento.

A origem da sede de Diamantina está vinculada à exploração de diamantes em meados do século XVI. Para isto existiam os caminhos que iam do Rio Jequitinhonha, passando por Ouro Preto (Caminho dos Diamantes) chegando até Paraty no Rio de Janeiro, que chamam de Caminho Velho e Caminho Novo. Toda uma história é criada em torno da Estrada Real, nos arredores dos caminhos e lugares por onde passavam os tropeiros e viajantes.

O surgimento do antigo Arraial do Tijuco, hoje atual sede da cidade de Diamantina – MG formou-se a partir de pequenos núcleos de mineração inicialmente foram três: O Arraial do Rio Grande, Arraial de Cima, e Arraial de Baixo. Posteriormente surgiu o Arraial dos Forros conhecido hoje como Macal.

Segundo dados do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Alto Jequitinhonha (2006), a diminuição gradativa da exploração da atividade mineradora contrapôs-se a afirmação da agricultura como principal ocupação dos moradores locais do então Distrito Diamantino. Era uma atividade de subsistência, que consolidou, ao longo do tempo, uma agricultura de tipo familiar. Isso constitui um processo de lenta ocupação de grotas, já que as chapadas, por serem muito áridas, não se prestavam ao cultivo sem um tratamento especial da terra. Essas chapadas ficaram como reserva natural, lugar do qual se lançava mão para a coleta de frutos silvestres e para a criação do gado. Conforme aponta Gerber (2011, p. 96):

No Sertão de Minas Gerais, relata-se uso em comum de terras nas chapadas, lugar de coleta de plantas medicinais, de corte de madeira para habitação e nascentes de água e terras sem registro cartorial em formato de pequenas parcelas controladas por famílias em grotas.

Ainda segundo dados do CIAT (2006), a região do Alto Jequitinhonha (região de Diamantina) tem um quadro natural bastante diversificado, tanto em relação ao relevo, quanto à vegetação e ao clima. Estudos diversos têm destacado ora os fatores positivos dessa diversidade (formações geológicas que permitem ampla exploração mineradora, condições topográficas favoráveis de suas extensas áreas de chapadas etc.), ora fatores negativos de um quadro natural caracterizado pela escassez (terras de pouca fertilidade natural, escassez de recursos hídricos e concentração do regime pluviométrico).

Portanto, como destacam Buainain et al. (2003, p. 339), para o desenvolvimento da agricultura familiar é preciso um “conjunto amplo de condicionantes, desde a disponibilidade de recursos, a inserção socioeconômica, a localização geográfica, as oportunidades e a conjuntura econômica, as instituições e valores culturais da família, do grupo social e até mesmo do país.”

Em Diamantina, a presença da agricultura familiar é pouco expressiva, em função do seu histórico colonial ligado ao processo de mineração do ouro e do diamante e, também, por situar-se na Serra do Espinhaço, com relevo bastante acidentado e pouco propício a realização de atividades agropecuárias.

A presença de vendedores ambulantes, de produtos agrícolas, conhecidos localmente como *miçangueiros*, é um fenômeno que tem ganhado importância em Diamantina, pois esta prática tem sido usada como uma estratégia para a comercialização de produtos agrícolas, sobretudo vindos de municípios do entorno, como Gouveia, Datas, Presidente Juscelino, dentre outros. No entanto, apesar de recorrente, não há estudos sobre esse tipo de atividade. Em geral, trata-se de vendedores que atuam nas ruas de Diamantina como forma de subsistência. Os principais cultivos vendidos nas ruas são de mandioca, cenoura, beterraba, inhame, quiabo, abóbora, folhosas e o alho. O município de Gouveia vizinho de Diamantina é tradicional produtor de alho, atividade que envolve segundo o CIAT (2006), 150 pequenos produtores, numa área de 80 hectares e produzindo 480 toneladas por safra, onde uma boa parcela é comercializada nas ruas de Diamantina.

O termo *miçangueiro*, usado para designar o profissional que vende nas ruas de Diamantina, parte de um fenômeno da linguagem especial que consiste no uso de uma palavra não convencional para designar outras palavras formais da língua. O mesmo é uma gíria regional mineira e refere-se a um sujeito que atua na venda de produtos, geralmente de origem agrícola, vagando pelas ruas da cidade com vendas à domicílio e também, em locais com maior circulação de transeuntes.

Do ponto de vista teórico, são escassas as fontes que abordam essa temática, não são encontrados estudos publicados que falam sobre *miçangueiros*. O dicionário Aurélio não traz definição do que possa ser esse sujeito, apenas uma denominação ao termo *miçanga* que designa: miudezas, bagatelas, bugigangas. Diante disso, não iremos especificamente abordar o termo *miçangueiros* como derivação do conceito de *miçangas* exposto no dicionário Aurélio.

Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar o perfil de um profissional conhecido por *miçangueiro*, que trabalha no mercado informal, no espaço urbano do município de Diamantina (MG). Como objetivos específicos busca-se investigar sobre a dinâmica que

envolve essa atividade desde o perfil dos profissionais, os produtos comercializados e locais de atuação. A realização dessa pesquisa parte de uma experiência pessoal, de contato direto com esses profissionais e, subsequente interesse em conhecê-los e compreender a sua realidade. Busca-se, assim, entender o porquê desses profissionais realizarem tal atividade e se a mesma denota uma nova estratégia de reprodução social que começou a se destacar na cidade.

Os procedimentos metodológicos envolveram atividades de pesquisa vinculadas ao trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) em que realizou-se pesquisa bibliográfica e trabalho de campo com observação sistemática e entrevista a dezoito miçangueiros, que ocorreram três vezes por semana durante a primeira quinzena do mês de janeiro de 2016 no período da manhã (em virtude de muitos miçangueiros não permanecerem o dia todo trabalhando nas ruas) e as mesmas contribuíram para traçar o perfil de cada um desses profissionais.

Salienta-se também que há muito na literatura sobre o meio rural e feira livre como canal de comercialização de produtos agrícolas, mas poucos estudos abordam os novos canais de inserção da agricultura familiar nos mercados. Diante disso, permanece a importância de pesquisas e estudos sobre os mercados de comercialização de produtos rurais, como formas alternativas de reprodução social que possam auxiliar o aperfeiçoamento, tanto da ação pública, quanto das decisões dos produtores, individuais e coletivas.

## **O trabalho informal**

Atualmente a informalidade tem sido uma alternativa bastante comum para os diversos ramos, inclusive no setor terciário (também conhecido como setor de serviços) que engloba as atividades de serviços, comércio de produtos e sua distribuição aos consumidores.

De acordo com Mendes e Campos (2004), o termo “setor informal” é caracterizado por atividades financeiras desprovidas de registros, foi denominado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e empregado pela primeira vez em 1972, em relatórios que descreviam as condições de trabalho recorrentes em Gana e no Quênia, elaborados no âmbito do Programa Mundial de Empregos.

No entanto, apesar de ter sido empregado oficialmente pela primeira vez em 1972, a discussão sobre trabalho informal, como nos afirma Singer (2000), se inicia juntamente com a Revolução Industrial. Marx, na obra “O Capital” discute sobre as diversas formas de existência da população relativamente excedente, tratava da população que excedia a necessidade do capital, ou seja, a necessidade de mão-de-obra das empresas. Assim, a “população excedente” de forma alguma pode ser entendida como desnecessária à economia como um todo (SINGER, 2000).

Para Mendes e Campos (2004) esta população excedente foi dividida por Marx em três categorias: líquida, latente e estagnada. A primeira é definida como uma reserva móvel de trabalho, sempre disponível às empresas quando estas necessitam expandir rapidamente o

número de empregados. A população denominada como “latente”, é caracterizada pelos moradores do campo que estão em vias de serem expulsos da agricultura e migram para as cidades em busca de trabalho. E, a terceira categoria, denominada “Estagnada”, faz parte da população do exército ativo do trabalho, no entanto, em ocupações inteiramente irregulares. Caracteriza-se por um período máximo de trabalho e mínimo de remuneração (MENDES E CAMPOS, 2004).

Atualmente, a nomenclatura “Setor Informal” é também associada, segundo Singer (2000), como “subemprego”, “desemprego disfarçado”, “estratégia de sobrevivência”, dentre outros termos, que caracterizam diferentes visões e avaliações sobre esse setor. O “informal” contrapõe o “formal”, sendo quase ilegal, pois implica em atividade econômica sem que haja registros oficiais e, portanto, sem recolhimento de impostos e direitos trabalhistas, como: assinatura da carteira de trabalho; emissão de notas fiscais; algum tipo de contribuição e contrato social de empresa.

De acordo com Sabadini e Nakatani (s/d), as constantes mudanças na estrutura capitalista estão afetando profundamente o mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo. Dentre essas diversas mudanças, há um fator em evidência: o crescimento da informalidade no mercado de trabalho.

Um levantamento de dados da OIT, divulgado em 2015, mostra que 60,7% dos profissionais, trabalham no setor informal; 26,4% dos trabalhadores estão empregados com contratos permanentes e 13% têm um vínculo temporário (GERBELLI, 2015). Em países africanos como o Togo, apenas 9,3% da população possui vínculos permanentes. No Peru, 17,8%, e na China, 16,2% da população estão na mesma condição (GERBELLI, 2015).

Ainda segundo Gerbelli (2015), em países de elevado Índice de Desenvolvimento Humano como na Austrália, Reino Unido e Canadá, a realidade é oposta; a fatia de trabalhadores com contratos permanentes é alta e corresponde a 94,1%, 90,3% e 86,6% respectivamente.

De acordo com a referida pesquisa realizada pela OIT, no Brasil, a economia está acima da média, em comparação a outros países: 47,7% dos trabalhadores têm contrato permanente; 23,9% têm seu contrato com base em vínculo temporário e 28,4% não tem nenhum tipo de contrato (GERBELLI, 2015).

Desde 2003, a informalidade da economia vem apresentando quedas consecutivas, segundo o Indicador de Economia Subterrânea (IES) calculado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) a pedido do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (ETCO), no entanto, deve voltar a crescer nos anos de 2016 e 2017, por causa do forte ajuste na atividade econômica (AGENCIA ESTADO, 2015).

De acordo com o relatório da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a atual situação econômica do país, o Brasil vive um “momento crítico”. O PIB caiu cerca de 3,1% em 2015 e cairá cerca de 1,2% no ano de 2016.

Assim, entende-se que a informalidade está atrelada ao contexto das mudanças econômicas da sociedade vinculados à natureza do sistema capitalista e uma estratégia de reprodução social dos profissionais miçangueiros que atuam nas ruas de Diamantina.

## Os miçangueiros em Diamantina: informalidade e reprodução social

O termo *miçangueiro* é usado para designar o profissional do mercado informal que além de plantar também vende o seu produto e em outros casos ele também compra de terceiros para revender ou mesmo colhe sua mercadoria diretamente na natureza e depois vende, não em feiras, mas usando-se de outros meios como a venda a domicílio e ou na rua diretamente aos transeuntes. Em algumas fontes a palavra miçangueiro aparece com o mesmo significado que a palavra mascate que segundo registros não seria uma profissão muito recente tendo seu início já na idade média.

O mascate possivelmente surgiu na Idade Média, com o desenvolvimento dos burgos. É essencialmente um ambulante e há quem o identifique ao vendedor itinerante que circula em vilas, vilarejos, cidades do interior ou do litoral. Carrega consigo tantos apelidos quanto às mercadorias que transporta. É chamado de pano de linho, marinheiro, bufarinheiro, matraca, canastreiro, miçangueiro, barateiro, corneta, turco da prestação, gringo, pechilingueiro, russo ou judeu da prestação, contrabandista, italiano. (FUKELMAN E LIMA, 2003, p. 06).

Outro possível significado para o termo *miçangueiro*, segundo Fukelman e Lima (2003), seria a de vendedor ambulante, segundo as autoras esse profissional realiza suas vendas com entrega a domicílio, e se distribuem em pontos específicos da cidade.

De modo geral, na cidade de Diamantina, é perceptível a qualquer transeunte que o comércio de rua apresenta relativa vitalidade e diversidade de produtos, que envolvem desde artesanatos, produtos processados (vendedores ambulantes de pastéis ou outros tipos de salgados) ou in natura como legumes e frutas. Este caso, em específico, é conhecido popularmente como miçangueiro e trata-se de um profissional que geralmente têm laços com o meio rural, usando da venda direta de produtos como estratégia de reprodução social, ou seja, forma de garantia de trabalho e renda. Muitos deles já estão até aposentados, mas não deixaram a profissão.

Os vendedores ambulantes, miçangueiros ou mascates recebem nomes diversos, mas tem várias características comuns. Ambos têm as ruas como ambiente de trabalho e trabalham durante horas exaustivamente sem conforto enfrentando dias de muito sol ou chuva até venderem toda a sua mercadoria. Por outro lado, enquanto o mascate e o vendedor ambulante vendem uma diversidade de produto o miçangueiro vende produtos de origem agrícola.

O trabalho dos vendedores nas ruas de Diamantina não é uma atividade muito fácil e marcada por imprevistos, tendo em vista o relevo acidentado da cidade ou, ainda, a necessidade de carregar seus produtos sem nenhuma garantia de venda. Diante disso, surge questão: Qual seria motivação para seguir nesse tipo de atividade, sendo que há espaço para participar das

feiras livres ou mesmo do mercado novo? Conforme os miçangueiros, nas ruas vende-se melhor que nas feiras porque lá tem mais concorrência e, também, a rua lhe confere liberdade de oferecer seu produto aos transeuntes e nas casas, conforme o roteiro de caminhada que lhe convir. Outro entendimento é que muitas pessoas não comparecem à feira e preferem comprar produtos à domicílio. Estabelecem-se, assim, relações de confiança e de proximidade entre moradores e vendedores, que permitem inclusive, em muitos casos, vendas no “fiado”. Outros relataram também que já tem certa carteira de clientes, com vendas fixas.

Dentre os miçangueiros que conversamos 15 deles realizam vendas no centro da cidade, apenas três deles realizam suas vendas nos bairros Bom Jesus e Bela Vista. Segundo eles, o critério para definir o ponto de venda de cada um deles é os locais com mais circulação de pessoas, como avenidas e também próximo a supermercados, bancos e açougues, locais por onde passam o cliente.

De modo geral, para percorrer as ruas e até mesmo os bairros eles usam o carrinho de mão para carregarem as mercadorias e passam de porta em porta. Os miçangueiros têm um determinado ponto onde guardam todo o volume da mercadoria que levam e aos poucos vão vendendo e voltam a esse local novamente para encher o carrinho de mão.

Diante das observações em campo, verificou-se pelo relato dos entrevistados que nos últimos cinco anos tem mudado a estratégia, sendo que ao invés de circular pela cidade, muitos deles tem optado por pontos fixos, geralmente com maior circulação de pessoas e colocam as mercadorias em exposição. Tal estratégia segundo os *miçangueiros* proporciona menos esforço físico. Um exemplo é um caso no Bairro Bom Jesus, como mostra a Figura 01.

Figura 01 – Exemplo de venda direta ao consumidor, por miçangueiro, no Bairro Bom Jesus, em Diamantina – MG.

Fonte: Registro durante pesquisa de campo, jan. 2016.

No decorrer das conversas verificou-se ainda que a maioria dos *miçangueiros* advêm de cidades próximas a Diamantina como Gouveia, e Presidente Juscelino, de onde trazem as mercadorias que são comercializadas. Tal fator pode ser justificado pelo fato de que Diamantina é uma cidade que abrange uma maior quantidade de comércios e serviços, funcionando como polo para as demais cidades do entorno e conseqüentemente atrai vendedores de outras cidades.

Dentre os miçangueiros consultados, dois deles já estavam aposentados (acima de 60 anos), outros dois estavam na faixa etária entre 20 e 25 anos e os 14 restantes apresentavam idades entre 30 e 50 anos. Apenas três tem pequena propriedade da terra. Outros nove se enquadram na categoria de atravessadores, portanto compram de terceiros o que vendem. E, por fim, seis podem ser considerados como “coletores”, pois além de não ter propriedade da terra, também não compram de terceiros, sendo que os produtos são coletados nas áreas, no entorno de

Diamantina (Parque do Biribiri etc.) – geralmente são frutas típicas do bioma do cerrado, cuja disponibilidade é esporádica (épocas de colheita).

Assim, a partir da pesquisa de campo foi possível identificar cinco tipos de miçangueiros que estão presentes nas ruas de Diamantina, tomando como característica a origem dos produtos comercializados. Essa tipologia demonstra que existem modos diferenciados de captar e levar o produto ao consumidor. No Quadro 01 apresenta-se os perfis de cada tipo, suas principais características e o número de sujeitos identificados.

Quadro 01 - Perfil dos Miçangueiros de Diamantina

Perfil	Características	Tem terra / Área disponível	Nº de Miçangueiros
A	Aqueles que plantam na sua propriedade e vendem.	Sim / 3hectares	1
B	Aqueles que plantam na propriedade de terceiros e comercializam os produtos.	Sim / 2hectares	1
C	Aqueles que plantam, compram de terceiros para vender e vendem tanto nas ruas como na propriedade.	Sim / 2 hectares	2
D	Aqueles que <b>não plantam</b> , apenas compram de agricultores e revendem.	-----	8
E	Aqueles que residem na cidade, <b>não plantam</b> e não compram de terceiros, comercializam o que colhem diretamente da natureza.	-----	6

De acordo com Quadro 01 o perfil dos miçangueiros entrevistados em Diamantina é bem diverso. Dos 18 casos, quatro deles são agricultores, minifundiários; os outros 14 casos não atuam diretamente na produção, sendo interessante que foram identificados seis casos de miçangueiros que são coletores. Esse último grupo, designado como Perfil E, em geral residem na área urbana e se deslocam para o campo apenas para colher frutos típicos da região (o pequi, a manga e o panã) para comercializarem. Esse é um dos casos que mostra a Figura 02.

Figura 02 – Exemplo de venda direta ao consumidor, de *panã*, por miçangueiro, no Centro, em Diamantina – MG.

Fonte: Registro durante pesquisa de campo, jan. 2016.

Geralmente os miçangueiros do perfil E não realizam vendas em todas as épocas do ano,



somente em épocas de safra dessas frutas. No dia em que foram entrevistados, por exemplo, estavam vendendo em abundância o pequi, que tem sua safra entre dezembro e janeiro. Esses frutos são coletados nas áreas rurais próximas à cidade de onde vêm os miçangueiros, em diferentes épocas do ano (Figura 03).

Figura 03 – Exemplo de venda direta ao consumidor de pequi e manga, por miçangueiro, no Centro, em Diamantina – MG.

Fonte: Registro durante pesquisa de campo, jan. 2016.

Ainda de acordo com o Quadro 01, apenas quatro vendedores tem uma pequena área de terra (dois a três hectares). Importante lembrar que o módulo fiscal da região de Diamantina é de 40 hectares de terra, fato esse que reforça a problemática social tanto regional quanto brasileira de que as pessoas que realmente plantam dispõem de uma parcela muito pequena de terra.

Nas conversas encontramos uma senhora que vende nas ruas de Diamantina há cerca de 45 anos. Ela relatou que começou a trabalhar vendendo suas mercadorias no Largo Dom João e após a construção do Novo Mercado Municipal (localizado no Largo Dom João) recebeu convite do prefeito local na época para sair das ruas e comercializar seus produtos naquele local. Relata ela que não aceitou a proposta uma vez que o ponto fixo no mercado não permitiria vender tanto quanto vende quando está nas ruas da cidade onde já havia feito uma boa freguesia.

No grupo dos miçangueiros entrevistados, boa parte deles relatou que a atividade de *miçangueiro* do ponto de vista econômico é bastante oscilante, uma vez que há dias com boas vendas e outros nem tanto. As vendas são mais recorrentes nos dias de recebimento de pagamento nos bancos de aposentados, funcionários públicos etc.

O grande público consumidor das mercadorias desses *miçangueiros* são, na grande maioria, os próprios moradores da cidade de Diamantina devido ao caráter perecível dos produtos que os mesmos comercializam.

Contudo levando-se em consideração a oscilação das vendas e o caráter árduo do trabalho nas ruas da cidade, os miçangueiros estão sempre presentes nas ruas da cidade, usando desse tipo de atividade como uma estratégia de reprodução social (geração de renda e conseqüentemente sustento da família), como também para levar aos consumidores produtos da agricultura ou da natureza, cultivados ou coletados, in natura.

## **Considerações finais**

Diamantina, por ser uma cidade que concentra uma grande quantidade de comércios e prestação de serviços em relações as cidades menores do seu entorno, nos últimos anos tem sido cenário para comercialização de produtos agrícolas nas suas ruas.

Muitos dos agricultores, tanto os que residem no campo, quanto aqueles que migraram para as cidades, encontram hoje na informalidade uma forma de reprodução social, que garanta seu sustento, e para tal buscam atividades ligadas ao seu meio.

Nesse cenário surgiram os *miçangueiros*, espécie de vendedor ambulante que comercializa tanto frutos, quanto legumes e folhosas pelas ruas da cidade. Tal prática foi evidenciada em entrevistas com os mesmos como uma estratégia que além de beneficiar os mesmos também contribui para a alimentação da população local.

Por meio de entrevistas indiretas averiguou-se que os *miçangueiros* que atuam nas ruas de Diamantina vêm de localidades próximas, como Presidente Juscelino, e Gouveia, sendo Diamantina um importante polo de referência para as cidades menores tanto na área comercial, quanto de prestação de serviços.

Os *miçangueiros* realizam suas vendas de três a cinco dias durante a semana, o que contribui para uma maior possibilidade de aquisição de produtos agrícolas por parte da população diamantinense. Cada *miçangueiro* atua em um determinado bairro ou ponto da cidade, revelando assim um caráter de organização e estratégia de venda dos mesmos.

Nesse contexto, esses *miçangueiros* passam a desenvolver estratégias de reprodução social, apesar de muitos deles não residirem no espaço rural. Eles desenvolvem uma prática mais voltada para seu sustento e para a perpetuação de laços com suas origens.

Deste modo verificou-se que aproximadamente 80% do total da amostra dos entrevistados nas ruas de Diamantina – MG, residem no meio urbano e exercem a atividade de *miçangueiro* na forma de atravessadores, tanto por parte daqueles que compram de terceiros, como também daqueles que buscam seus produtos diretamente na natureza e os comercializam in natura.

Diante de tais colocações, percebe-se que mesmo indiretamente a agricultura tem fundamental importância para gerar renda e abastecer a população. O vendedor ambulante, na categoria de *miçangueiro*, mesmo atuando na informalidade tece um laço importante tanto economicamente quanto socialmente, possibilitando sua subsistência e abastecendo uma boa parcela da população.

Levando-se em conta os objetivos dessa pesquisa, podemos afirmar que os *miçangueiros* que atuam nas ruas de Diamantina – MG possuem um perfil diversificado, sendo agricultores familiares, atravessadores e coletores.

Do ponto de vista da comercialização dos produtos, verificamos que existe uma boa diversidade de produtos ofertados, fato que proporciona mais opções de compra pelo consumidor.

Apesar do trabalho dos *miçangueiros* nas ruas de Diamantina como foi verificado em campo, se apresentar como uma alternativa viável para diversificar o consumo da população local e também como uma forma de obtenção de renda para os mesmos acaba sendo uma atividade

invisível tanto por parte das pessoas quanto do poder público. A partir deste estudo inicial, cabe apontar que é importante a realização de um diagnóstico analítico sobre os vendedores de rua em Diamantina, de modo a explicitar os fatores que tornam essa atividade tão recorrente nesta cidade, bem como apontar as demandas ou possibilidades de contribuir para qualificar esse tipo de trabalho.

## Referências bibliográficas

AGENCIA ESTADO. **Economia informal deve voltar a crescer no País**. Jornal Estado de Minas. Agosto 2015. Disponível em: [http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/06/25/internas\\_economia,661527/economia-informal-deve-voltar-a-crescer-no-pais.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/06/25/internas_economia,661527/economia-informal-deve-voltar-a-crescer-no-pais.shtml) Acesso em: 08/02/16.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. IN: Em tese, revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, n1 (3), Janeiro-Julho de 2005. Disponível em [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br).

BUAINAIN, A. M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROLI, C. 2003. **Agricultura familiar e o novo mundo rural**. Sociologias, Porto Alegre, n. 10, p. 312-347. CAGED, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trabalhador-caged>

CARMO, C.A.S, Inhamé e taro. Sistemas de produção familiar, Vitória: Incaper, 2002, p. 15-26.

DANTAS, Tiago. "Abóbora"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/saude/abobora.htm>>. Acesso em 11 de março de 2016.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Fukelman, C. & Lima, P. S. Artes de sobrevivência em ofícios ambulantes. Rio de Janeiro: Editora Martins, 2003.

GERBELLI, Luiz Guilherme. **Trabalho Informal predomina no mundo**. Jornal O Estado de S. Paulo. Agosto de 2015. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,trabalho-informal-predomina-no-mundo,1739524> Acesso em: 07/02/16.

GERBER Konstantin, **projeto de lei de terras comunais no brasil**. Artigo. Revista CEJ, Brasília, Ano XIV, n. 53, p. 95-99, abr./jun. 2011.

GRUPO GESTOR TERRITORIAL – CIAT- Conselho para Implementação de Ações Territoriais. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável do Alto**

**Jequitinhonha- PTDRS.** Nov. 2006. Acesso em fevereiro de 2016.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 19/02/2016.

INCRA. Art. 4 da Lei 6.746/79. Disponível em [www.incra.gov.br/](http://www.incra.gov.br/). Acesso em 11/03/2016

MENDES, René; CAMPOS, Ana Cristina Castro. Saúde e segurança no trabalho informal: **Desafios e oportunidades para a indústria brasileira.** Artigo. Rev. Bras. Med. Trab. Belo Horizonte • Vol. 2 • No 3 • p. 209-223 • jul-set • 2004.

OLIVEIRA, M.F, Gonçalves P.S SilkyPolyane. **A cidade de Diamantina-MG, na perspectiva do determinismo ambiental e possibilíssimo.** Disponível em: <[www.unimontes.br/](http://www.unimontes.br/)>. Acesso em 03 de janeiro de 2016.

SABADINI, Mauricio de Souza; NAKATANI, Paulo. **Desestruturação e informalidade do mercado de trabalho no Brasil.** Espírito Santo/ES. S/d. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/ec/jec8/Datos/documentos/comunicaciones/Laboral/Souza%20Mauricio.PDF> Acesso em: 07/02/16.

SANT'ANA, A. L. Raízes na terra: as estratégias dos produtores familiares de três municípios da Mesorregião de São José do Rio Preto (SP). Araraquara: UNESP, 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), UNESP/Araraquara, 2003.

SINGER, Paul. **O trabalho informal e a luta da classe operária.** In: JAKOBSEN, Kjeld; MARTINS, Renato; DOMBROWSKI, Osmir SINGER, Paul; POCHMANN, Márcio. (orgs.) Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. Coleção Brasil Urgente. Editora Fundação Perseu Abramo. 1ª ed. São Paulo/SP. 2000.